

Nacionalismo e patriotismo: o ópio das massas

Via [International Viewpoint](#)

Dizer que a República da África do Sul vem lidando com uma crise de imagem interna na última década dos anos “pós-apartheid” seria dizer de forma branda. A atitude nacional esmagadora tem sido o descontentamento com a classe política. Esta classe consiste em um governo no poder incompetente e um conjunto de partidos da oposição cuja própria mediocridade fez com que todo o sistema eleitoral parecesse para muitos ser inútil.

O país está incapacitado por um fracasso de longa data em lidar com questões estruturais e sociais que têm prejudicado a experiência democrática. A má administração destas questões é evidente na crescente desigualdade de riqueza, nas hostilidades raciais em todo o país e na violência contínua em vários contextos sociais. Esta má administração não deve mais se apresentar como ineficaz, mas como uma tentativa genuína de nossos líderes de aliviar estes problemas. Agora é certamente um esforço deliberado para manter estas condições em vigor, para que elas possam continuar a ser extraídas delas.

O patriotismo existe?

A imaginação da África do Sul como um farol de esperança e progressismo para o mundo se maravilhar diminuiu sob o peso dos horrores decorrentes do capitalismo neoliberal, do heterossexismo, do racismo anti-negro, da queerfobia, do capacitismo, da xenofobia e de outras formas sistêmicas de opressão. Escusado será dizer que há muito pouco para nos sentirmos patriotas neste momento atual. No entanto, se esta descrição resume em grande parte como o país tem sido após o regime tirânico do apartheid, devemos nos perguntar se o

patriotismo alguma vez existiu verdadeiramente fora dos momentos celebrativos sobre as conquistas nos palcos internacionais. Além disso, torna-se mais crucial perguntar a si mesmo o que significa, especialmente para as pessoas colonizadas, ser patriota em um estado colonial colonizador.

Em sua maioria, esta questão, que não é nova, tem se sentido menos complicada quando se trata de descendentes de escravos africanos que vivem em colônias de colonos que não são seus lares ancestrais. Eles foram atingidos pelo fenômeno psicológico, teorizado por W.E.B. Du Bois, conhecido como “dupla consciência” – “esta sensação de sempre olhar para si mesmo através dos olhos dos outros, de medir sua alma pela fita de um mundo que olha com desprezo e piedade”.

No entanto, não é tão simples de se lidar quando os colonizados têm uma hegemonia ostensiva sobre a paisagem política e cultural.

Se o poder estrutural não mudou de mãos e as instituições coloniais não foram completamente removidas, então para que exatamente devemos ser patriotas?

O nacionalismo é uma confusão deliberada

Em um artigo anterior eu escrevi sobre a necessidade de questionar o quadro do excepcionalismo sul-africano. Vemos isso sustentado nos exemplos odiosos de chauvinismo que nos acostumamos a ler. E também o vemos nas mensagens aparentemente inocentes patrocinadas pelo Estado, implicando que devemos permanecer “orgulhosamente sul-africanos”. Este discurso nacionalista dominante tem tido conseqüências desastrosas não só para os não nacionais, mas também para os sul-africanos que não parecem sul-africanos (o que quer que isso signifique). O objetivo do artigo era fazer com que mais de nós reconhecêssemos que este discurso nacionalista é um dos resultados do próprio projeto de construção da nação.

A construção de uma África do Sul pós-democrática, na imagem

de defender o Estado-nação, não tem sido perigosa apenas para aqueles que não se enquadram nas definições arbitrárias de nacionalidade. Também tem sido prejudicial para aqueles que não fazem parte da classe dominante neste país. Pessoas de todas as origens são enganadas a acreditar que, como cidadãos, temos uma reivindicação igual a uma ordem social que só eleva uma minoria. As respostas negativas dirigidas à família de Enoch Mpianzi sobre seu chamado para fechar a famosa Parktown Boys High School, levaram Naledi Mbaba a apontar com precisão que ser sul-africano significa “ter um falso senso de solidariedade de classe com os brancos” nos objetivos de proteger “as instituições que eles construíram (para si mesmos)”.

Por mais que a raça tenha se tornado útil na ofuscação da consciência de classe, uma identidade nacional dentro de uma democracia liberal é utilizada para atingir o mesmo objetivo.

A mitologia da nação arco-íris não foi útil apenas para reduzir as diferenças raciais na África do Sul a termos superficiais; a ideia apresentou uma visão dentro da qual os interesses de classe dos antes marginalizados e os interesses de classe da elite burguesa não estavam mais em conflito, mas unidos em um só, para legitimar o estado capitalista. Quando os sul-africanos de classe média negra formam um movimento xenófobo em torno do desejo de serem priorizados em relação aos imigrantes, isso representa um fracasso em reconhecer que certos sul-africanos já estão sendo colocados em primeiro lugar. E eles continuarão sendo colocados em primeiro lugar enquanto as políticas que regem nossas vidas existirem apenas para servir ao capital monopolista.

Uma época de fascismo neocolonial

No livro *Como a Grã-Bretanha Governa a África*, George Padmore faz esta avaliação da África do Sul: “a unidade da raça em relação à classe é responsável pelo chauvinismo racial generalizado que permeia todos os estratos da população

européia e faz da União o clássico Estado fascista do mundo”. O escritor trinitário-tobagense escreveu extensamente sobre os mecanismos do “fascismo colonial” e como ele se desenvolve especificamente nos estados coloniais colonizadores.

Expandindo seus pontos de vista, é importante que nos conformemos com o fato de vivermos agora em uma época de fascismo neocolonial, que não apenas aterroriza as comunidades africanas e do sul da Ásia, mas visa a maioria da população negra e pobre deste país. As incontáveis cenas de violência sancionada pelo Estado – sobre manifestantes da classe trabalhadora, ou contra civis tão pouco ameaçadores quanto crianças, ou conduzidas durante despejos ilegais (o que são despejos legais quando todos os bens são roubos?) – subvertem toda noção de que a África do Sul é uma democracia.

O fascismo não se limita apenas aos casos de repressão, que de alguma forma não deixaram de ser a norma após o apartheid ter sido constitucionalmente desmantelado. Como o ativista radical George Jackson escreveu em *Blood In My Eye*, o fascismo também pode ser definido por “cada reforma econômica que perpetua a hegemonia da classe dominante” e que é intencionalmente “disfarçado como um ganho positivo para as massas em ascensão”. As políticas neoliberais decretadas por cada administração do CNA desde 1994 não ofereceram diferença material para a maioria daqueles que viviam sob o governo do Partido Nacional.

A unificação das pessoas através das linhas raciais em uma base nacional não resultou apenas em uma diferenciação prejudicial dos não-nacionais, ela nos aplacou para que não pensemos em como nossas vidas estão completamente a serviço do capital. Se não começarmos a ver os modos de vida geralmente aceitos – raça, nação, capital – pelo que eles realmente são, nunca poderemos mudar as condições que eles produzem que nos mantêm mais longe de saber o que significa pertencer a uma democracia.